



## **VIOLÊNCIA DOMÉSTICA CONTRA A MULHER: ESTRATÉGIAS DE LUTA E EMPODERAMENTO NA ESCOLA**

Francineide Bárbara Silveira do Nascimento

fbsnascimento@ig.com.br

### **EIXO 2 - SUJEITOS DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: IDENTIDADE E DIVERSIDADE**

#### **RESUMO**

O presente trabalho tem por objetivo apresentar o relato de experiência “Ciclo de Palestras “Violência doméstica contra a mulher: estratégias de luta e empoderamento na escola”, desenvolvido nas escolas da Rede Pública Municipal de Ensino de Salvador. O interesse em discutir sobre este tema surgiu a partir dos relatos das educandas das turmas da Educação de Jovens e Adultos – EJA e das leituras relacionadas ao aumento do número de homicídios e agressões físicas sofridas pelas mulheres baianas, por parte de seus companheiros ou ex-companheiros na última década. Esta experiência profissional, alicerçada pela atuação como coordenadora pedagógica ao longo de dez anos nas escolas que atendem a modalidade da EJA na Rede Municipal de Educação de Salvador, se constituiu, inicialmente, através do diálogo com mulheres (educandas, coordenadoras pedagógicas, gestoras, professoras) e homens (educandos e professores) que estudavam ou trabalhavam nas escolas. A partir dos relatos das experiências de vida, principalmente, das mulheres, busquei problematizar esta temática, tomando como referência a Lei 11.340, mais conhecida como Lei Maria da Penha. Nesta caminhada, com vistas a minizar minhas inquietações, iniciei os estudos dos fundamentos teóricos e legais que possibilitassem responder a seguinte questão: De que forma a escola, como espaço de tensões e discussões, pode colaborar no combate à violência contra a mulher, transformando a passividade das agredidas pelos maridos e/ou companheiros, em



estratégias de luta e empoderamento destas mulheres? Nesta perspectiva, comecei as palestras e rodas de conversas com mulheres e homens, educandos e educandas da EJA, moradoras/es da periferia de Salvador, que frequentam as escolas públicas municipais. As discussões sobre gênero à luz desta Lei foram revelando posicionamentos e relatos que evidenciavam posturas machistas e sexistas que na maioria visava justificar a violência sofrida pelas mulheres como o depoimento de um educando: “Depois que criou a Lei a gente não bate, a gente mata”. Tomando este relato como mote da minha análise pude perceber que questões relacionadas a gênero precisam ser discutidas na escola como um todo e especificamente na EJA, pois algumas mudanças de atitudes implementadas no cotidiano destes sujeitos podem contribuir para reduzir tamanha violência. Como assevera Pinho (2003) o conceito de gênero pode ser assim entendido: “o conjunto de normas, valores, costumes e práticas através das quais a diferença biológica entre homens e mulheres é culturalmente significada” (p. 54). Destarte, se justifica a importância e a necessidade de discutir na escola o respeito entre homens e mulheres e os direitos humanos; os papéis sociais definidos para homens e mulheres, a equidade entre gêneros etc. Debater e refletir com os educandos e educandas da EJA sobre diversas formas de violência (verbal, psicológica e emocional) contra a mulher, com vistas a contribuir no combate à violência doméstica, pressupõe analisar, não somente a perspectiva teórica, mas sobretudo, as implicações da Lei Maria da Penha a fim de empoderar as mulheres da EJA na luta contra qualquer forma de violência. O primeiro ciclo de palestras e rodas de conversas foi sugerido e aceito pelas gestoras, coordenadoras e professoras das unidades escolares. A partir do segundo ciclo as temáticas foram escolhidas pelos(as) próprios(as) educandos e educandas a partir de algumas opções apresentadas. Atualmente a temática discutida “A mulher cantada nas letras das músicas”. Diálogos realizados através de encontros com um público formado, em sua maioria, por mulheres negras, idosas e pertencentes as classes populares, historicamente excluídas social, educacional e economicamente. Este trabalho desenvolvido desde o ano de 2013, tem demonstrado, a partir das narrativas das mulheres e homens, que as experiências negativas, vividas pelas mulheres tendo como principal elemento a violência biopsicossocial, na maioria praticada por seus companheiros, agrava a posição e valorização da mulher na sociedade. A vergonha que as mulheres tem por serem agredidas, a falta de informação relacionada às instituições



de apoio às mulheres vítimas de agressão, a ausência das discussões raciais e de gênero no cotidiano da sala de aula reforça o papel da escola na construção de estratégias de luta e empoderamento da mulher. Neste contexto, os resultados observados ao longo deste ciclo de debates e roda de conversas com foco nesta temática foram: o potencial desperdiçado da escola no empoderando das mulheres e na tomada de decisões diante das agressões sofridas; a necessidade de implantação de um projeto de intervenção na Educação de Jovens e Adultos que contribua no combate à violência contra mulher; o posicionamento e argumento apresentados pelas educandas, no que se refere a vulnerabilidade da mulher diante do agressor e a falta de apoio das instituições governamentais. Podemos considerar, ainda, como resultado positivo para o cotidiano da escola a efetiva participação e envolvimento dos educandos e educandas nas discussões e rodas de conversas, motivando a frequência escolar.

Palavras-chave: Educação de Jovens e Adultos; Relações de gênero; Violência doméstica;

## REFERÊNCIAS

Presidência da República Casa Civil Subchefia para Assuntos Jurídicos. LEI Nº 11.340, DE 7 DE AGOSTO DE 2006

PINHO, Maria José Souza. **Abordagens de gênero e educação: estratégia para a igualdade e liberdade.** In: Encontro de Pesquisa Educacional do Norte e Nordeste, 2007, Maceió-AL.

PATRÍCIO, Daniela Silva. **Educação e Gênero: Uma discussão para além da inclusão igualitária.** Disponível em: [www.simposioestadopoliticas.ufu.br/](http://www.simposioestadopoliticas.ufu.br/) Acesso em: 16 de outubro de 2015.